

## Toyotismo e o trabalho flexibilizado

Toyotism and flexible work

Toyotismo y trabajo flexible

Recebido: 29/03/2022 | Revisado: 04/04/2022 | Aceito: 24/05/2022 | Publicado: 28/05/2022

**Raimundo Jackson Nogueira da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9534-6431>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: [jacksonafi13@gmail.com](mailto:jacksonafi13@gmail.com)

**Emanoel Rodrigues Almeida**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9787-0851>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: [emanoel.almeida@ifce.edu.br](mailto:emanoel.almeida@ifce.edu.br)

**Emanoelyna Gonçalves Jucá**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9616-1954>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: [emanoelynagi@gmail.com](mailto:emanoelynagi@gmail.com)

### Resumo

Qual papel do toyotismo na relação trabalho flexibilizado e capital? O modelo de produção toyotista não só influenciou a produção de carros, mas em diversas categorias, como exemplo a educação. O sistema capitalista é quem determina a educação, pois ela está diretamente ligada ao conhecimento para a produção de material. Com o avanço do toyotismo, além da produção flexível, surge a educação flexível, impulsionado pelas escolas integrais, técnicas, ligadas diretamente a Educação Profissional, Tecnológica (EPT). O artigo tem como objetivo fazer uma relação do toyotismo, trabalho flexibilizado e capital, e sua interferência nas relações de trabalho e na educação profissional, bem como tecer sobre as perspectivas da educação profissional diante do capital globalizado. O estudo é de caráter qualitativo, sendo uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos, revistas e etc. Está assentado no materialismo histórico e dialético e contará com a contribuição de teóricos como: Moura (2007), Kuerzen (2016), Grabowosk (2016) entre outros. Foi possível compreender a relação do toyotismo diante do capital globalizado, bem como as relações de trabalho existentes. Ficando evidente que as transformações e evoluções sociais estimulam as mudanças e evoluções trabalhista, sendo essas evoluções determinantes ao processo educacional, que produz conhecimento para a materialidade.

**Palavras-chave:** Toyotismo; Trabalho flexível; Educação profissional e tecnológica (EPT); Ensino.

### Abstract

What role does Toyism play in the flexible labor and capital relationship? The Toyotist production model not only influenced the production of cars, but in several categories, such as education. The capitalist system determines education, as it is directly linked to knowledge for the production of material. With the advancement of Toyotism, in addition to flexible production, flexible education emerged, driven by integral, technical schools, directly linked to Professional, Technological Education (EPT). The article aims to make a relationship between Toyotism, flexible work and capital, and its interference in labor relations and professional education, as well as to weave about the perspectives of professional education in the face of globalized capital. The study is of a qualitative nature, being a bibliographical research in books, articles, magazines and so on. It is based on historical and dialectical materialism and will count on the contribution of theorists such as: Moura (2007), Kuerzen (2016), Grabowosk (2016) among others. It was possible to understand the relationship between Toyotism and globalized capital, as well as the existing work relationships. It is evident that social transformations and evolutions stimulate labor changes and evolutions, and these evolutions are determinant to the educational process, which produces knowledge for materiality.

**Keywords:** Toyotism; Flexible work; Professional and technological education (EPT); Teaching.

### Resumen

Qué papel juega el toyismo en la relación flexible entre trabajo y capital? El modelo de producción toyotista no solo influyó en la producción de automóviles, sino en varias categorías, como la educación. El sistema capitalista determina la educación, ya que está directamente vinculada al conocimiento para la producción de material. Con el avance del toyotismo, además de la producción flexible, surgió la educación flexible, impulsada por escuelas técnicas integrales, directamente vinculadas a la Educación Profesional Tecnológica (EPT). El artículo pretende relacionar el toyotismo, el trabajo flexible y el capital, y su injerencia en las relaciones laborales y la formación profesional, así como tejer las perspectivas de la formación profesional frente al capital globalizado. El estudio es de carácter cualitativo, siendo una

investigación bibliográfica en libros, artículos, revistas, etc. Se basa en el materialismo histórico y dialéctico y contará con el aporte de teóricos como: Moura (2007), Kuerzen (2016), Grabowosk (2016) entre otros. Se pudo comprender la relación entre el toyotismo y el capital globalizado, así como las relaciones laborales existentes. Es evidente que las transformaciones y evoluciones sociales estimulan cambios y evoluciones laborales, y estas evoluciones son determinantes para el proceso educativo, que produce conocimiento para la materialidad.

**Palabras clave:** Toyotismo; Trabajo flexible; Educación profesional y tecnológica (EPT); Enseñanza.

## 1. Introdução

O sistema capitalista promoveu diversas transformações nas relações sociais, no mercado de trabalho, nas concepções das pessoas, garantindo alguns avanços e retrocessos de cunho social. Esse próprio sistema é passível de alterações dinâmicas para garantir sua manutenção global, principalmente no século XXI, mesmo diante de contradições, que são marcadas por características singulares, como podemos observar a seguir.

A primeira característica é que o capital está fortemente ligado ao capital financeiro, especulativo, que visa a valorização do dinheiro, sem passar pela produção do material em si. Esse setor busca a valorização líquida, o rendimento, as ações, moedas e títulos públicos. Já a segunda característica é a “produção destrutiva” demonstrada pelo metabolismo social, que é a queda dos valores de uso, o que podemos chamar de desperdício generalizado. A terceira característica é a contradição do sistema capitalista e o metabolismo social, que é o obstáculo a plena emancipação humana, diante dos objetos de uso e do produto do trabalho socializado.

Esse sistema, apesar de ser global, vive em constantes crises, fazendo assim mudanças nas suas relações de produção. Destaco que essa produção apesar de serem em sua grande maioria de máquinas, são geridas por seres humanos, sendo estes subjetivos diante do capital. Porém, essa subjetividade ganha força na década de 70 a 80, com a crise devido a super produção, que entra em cena o toyotismo.

Este objeto de estudo se restringe a tecer sobre o toyotismo, mas que não pode deixar de falar superficialmente sobre os outros pensamentos da relação de produção, como o fordismo e taylorismo. Alves (2005), nos remete a fordismo como uma ‘racionalização inconclusa’, pois, apesar de instaurar uma sociedade racionalizada, não conseguiu incorporar as variáveis psicológicas do comportamento operário. O taylorismo é a racionalização do trabalho, a especialidade dos colaboradores / empregados, onde cada trabalhador faz algumas ou poucas tarefas, diferentemente de muitas, pois assim, executaria de maneira melhor a produção.

O toyotismo é o momento predominante do regime de acumulação flexível no sistema capitalista global, que teve sua origem nas implicações subjetivas nas relações do trabalho e na reprodução social. O toyotismo é a expressão superior da racionalização capitalista nos *loci* mais dinâmicos da acumulação de valor, exigindo, na etapa desenvolvida do processo civilizatório, uma nova implicação subjetiva, que temos salientado como sendo a ‘captura’ da subjetividade do trabalho vivo pelo capital (Alves, 2000).

Este texto tem como objetivo fazer uma relação do toyotismo, trabalho flexibilizado e capital, e sua interferência nas relações de trabalho e na educação profissional. Estabelece como objetivos gerais tecer sobre as perspectivas da educação profissional diante do capital globalizado; o toyotismo e a educação profissional; e concepções de trabalho e educação voltadas para a EPT.

## 2. Metodologia

O presente estudo é de caráter qualitativo, pois procura compreender como a realidade social é construída: “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode

ou não deveria ser quantificado. Isto é, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MYNAYO, 2009, p.21). Através deste estudo pretendemos realizar um estudo sobre a educação flexível baseada no Toyotismo, buscando compreender as mudanças ocorridas no processo educacional, processo produtivo e por fim o protagonismo desses educandos que são realocados para atender ao sistema capitalista na conjuntura mais abrangente.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, já que ela estará fundamentada, essencialmente, na consulta a livros, revistas, e artigos, etc. Esse trabalho estará assentado no materialismo histórico e dialético e contará com a contribuição de teóricos como: Moura (2007), Kuerzen (2016), Grabowosk (2016) entre outros.

O estudo busca compreender a importância da categoria trabalho e o toyotismo na perspectiva ontológica do ser social. Para percorrer o caminho metodológico viável, o estudo se concentrará na compreensão inicial do toyotismo e o capital globalizado, perpassando sobre o trabalho flexibilizado e pôr fim a relação do toyotismo e a educação profissional e tecnológica.

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1 Toyotismo e o capital globalizado

Costa (2005), aponta que o capitalismo contemporâneo tem passado por profundas transformações, que modificaram, de maneira global e com uma grande velocidade, as relações sociais entre os indivíduos e as relações de trabalho. Jucá (2021), reforça que o trabalho tem promovido mudanças na sociedade, sendo essencial para produção de material, garantindo assim a existência da sociedade.

O trabalho é uma atividade essencialmente humana, cuja função social é a produção da existência material da humanidade. Além de um meio de sobrevivência e sustento, o trabalho revela mudanças políticas, culturais, históricas e econômicas no decorrer do desenvolvimento da humanidade. Dessa forma, faz-se necessário discutir a categoria trabalho na perspectiva ontológica do ser social, para compreender como ocorre o desenvolvimento dessa atividade humana ao longo da história e como contribui para a formação dos indivíduos que convivem em sociedade (Jucá, 2021, p.2).

Essas mudanças ocorreram desde a territorialização dos indivíduos, que a partir da década de 50 a 70, estariam migrando do campo para a cidade, tornando a população camponesa como minoria. Outras mudanças, foram o avanço da educação em “massa” ainda que para poucos, a objetividade frente a subjetividade, a ciência frente as “crenças”, e a inserção ou participação “ativa” da mulher no mercado, que forçaram a adequação desse sistema para atender uma cultura diferente com relações sociais globalizadas. Hobsbawn (1995, p.214-5), destacou “(...) que as sociedades humanas, e as relações de pessoas dentro delas, passaram por uma espécie de terremoto econômico, tecnológico e social na vida das pessoas que mal chegaram à meia-idade”. Dupas (2005, p.35), destacou que:

A consolidação da hegemonia capitalista do pós-guerra fria definiu claramente o cenário contemporâneo. A mobilidade do capital e a emergência de um mercado global criaram uma nova elite que controla os fluxos do capital financeiro e das informações, atuando predominantemente em redes e clusters, e reduzindo progressivamente seus vínculos com suas comunidades de origem. Em consequência, enquanto o mercado internacional se unificou, a autoridade estatal se enfraqueceu. Duas tendências haviam se afirmado durante a transição à pós-modernidade: do lado europeu, a social-democracia representava a concretização dos direitos civis e políticos universais no campo social, incluindo as garantias coletivas ao trabalho; já na vertente norte-americana, inaugurou-se uma sociedade de caráter corporativo e organizacional, com características decisórias e programáticas de alta eficácia operacional.

É esse tipo de capital que podemos destacar como capital globalizado, pois detém poder e articulação a nível internacional, perpassando as barreiras geográficas, regido sob o capital financeiro, onde para Costa (2005), “além do comércio mundial e a abertura de países, tem crescido o movimento entre fronteiras nacionais dos fatores de produção, para o capital

*produtivo quanto, em especial, o financeiro, em seu processo de valorização*”. Pinto (2012), contribui com esse pensamento ao tecer:

O capital financeiro e uma nova classe de acionistas poderosos sobrepujaram as gerências industriais. O consumo de massa já não alimentava mais as aristocracias operárias, e o poder do sindicalismo corporativo tampouco contornava a insatisfação dos setores classistas mais combativos ou apresentava soluções aos setores excluídos como os desempregados e precarizados – que, após os anos 1970, proliferaram enormemente. A microeletrônica e a informática acirraram, de forma colossal, a concorrência aberta pela derrubada das muralhas protecionistas nacionais, ao tempo em que os próprios Estados parecem ter sucumbido, junto das burguesias locais que protegiam, frente ao poder de corporações que operam globalmente.

Esse processo de globalização do capital, emergiu no sistema de acumulação flexível, reestruturado pelo novo modelo produtivo, o toyotismo, que influenciou nas novas determinações do mundo do trabalho. Alves (2005), pontou que:

O Toyotismo é a ideologia orgânica da produção capitalista, que tende a colocar novas determinações nas formas de ser da produção e reprodução social. O mundo do trabalho, com destaque para os seus polos mais dinâmicos de acumulação de valor e de base técnica mais desenvolvida, tende a incorporar o espírito do Toyotismo. (Alves, 2005).

O toyotismo é considerado o modelo japonês e o sucesso da manufatura japonesa na competição internacional. Nas décadas de 1970 e 1980, várias técnicas de gestão foram importadas do Japão, no entanto, no processo de globalização do capital, o sistema Toyota baseado na filosofia da produção tendeu a formar um valor universal para o capital nesse processo, rompendo com seu particularismo nacional. O toyotismo passou a incorporar "novos significados" para além das peculiaridades da origem da história social (e da cultura) associada ao capitalismo japonês, segundo Nóvoa (2019), exigindo uma nova subjetividade do trabalho.

Importante salientar que nessas décadas, o sistema capitalista entrava em crise devido a superprodução, ao excesso de mercadorias produzidas, principalmente em peças que posteriormente perdiam o valor, tanto pelo excesso de estoque, como pela não aquisição. Foi a crise que determinou novos padrões de produção, fazendo assim a universalização do toyotismo, algo que era específico do Japão.

Alves (2005):

A constituição do toyotismo tornou-se adequada à nova base técnica da produção capitalista, vinculada à III Revolução Industrial, que exige uma nova subjetividade da força de trabalho e do trabalho vivo, pelo menos dos operários e empregados centrais à produção de mercadorias (as novas tecnologias de base microeletrônica, em virtude de sua complexidade e alto custo, exigem uma nova disposição subjetiva do trabalho em cooperar com a produção). Ora, é o toyotismo que propiciará, com maior poder ideológico, no campo organizacional, os apelos à administração participativa, salientando o sindicalismo de participação e os CCQ (Círculos de Controle de Qualidade) — reconstituindo, para isso, a linha de montagem — e instaurando uma nova forma de gestão da força de trabalho.

O aspecto essencial do toyotismo é expressar a busca por uma nova hegemonia do capital na produção por meio de seus protocolos e acordos organizacionais (e institucionais), como condição política (e social cultural). A restauração da acumulação capitalista, uma espécie de hegemonia do capital, visa alcançar uma nova captura da subjetividade do trabalho por meio da lógica do capital. O toyotismo não perpetuou a crise da organização capitalista do trabalho, mas tendeu apenas a estabelecer novas decisões sobre a luta de classes na produção.

Pereira (2021), afirma que:

O toyotismo é modelo de organização de produção e gestão da força de trabalho responsável em matizar os princípios da flexibilização dos processos na contemporaneidade. Essa nova tendência posteriormente foi disseminada para o

comércio, sistema financeiro, setores de serviços, do desenvolvimento e uso de novas plataformas tecnológicas, com destaque para o ensino público (Pereira, 2021, p. 3).

### 3.2 Toyotismo e as relações de trabalho flexibilizado

Embora o século XX tenha sido marcado pela gradual conquista e padronização dos direitos trabalhistas, a "flexibilização" desses direitos foi cada vez mais defendida e implementada, o que na prática se transformou em real instabilidade nas condições de trabalho. Como o trabalho está diretamente relacionado à criação de bens e à prestação de serviços, ao longo do tempo, o modelo de organização da produção adotado pela empresa tem impacto direto sobre os direitos trabalhistas em maior ou menor grau. Porto (2021), enfatiza que toyotismo protagonizou a precarização dos direitos dos trabalhadores nos últimos anos.

Porto (2021), destaca que a criação do toyotismo possui:

O intuito inicial de que fossem criados mecanismos que possibilitassem a maximização dos lucros dos produtores industriais a despeito da quantidade restrita de consumidores. Para tanto, sua máxima era evitar o desperdício em todos os âmbitos, tanto no que diz respeito à mão-de-obra quanto aos itens produzidos.

A ferramenta desenvolvida para minimizar esse desperdício é reduzir os estoques ao mínimo. A flexibilidade de produção substitui a padronização preconizada pelo modelo anterior, produção de pequenos lotes com a maior qualidade possível, automação da produção e tempo de produção instantâneo. O produto é produzido após o produto é comercializado e a equipa trabalha sob a liderança do líder para a realização de produtos diversificados e personalizados de acordo com os interesses e necessidades dos diversos grupos de consumidores, bem como um controle de qualidade abrangente. Todos os trabalhadores são responsáveis pela qualidade dos produtos, e os produtos só podem ser liberados após minuciosas inspeções de qualidade.

Com o alastramento da crise e o avanço do toyotismo, mudou-se a concepção de competitividade, pois deixaria de ser mensurada na produção em larga escala, e ser observada na produção de novos produtos, em menos tempo, com mais variedades e qualidade, bem como a diminuição dos preços, visando aumentar o mercado consumidor. O novo parâmetro de crescimento focou na qualidade e produção de material. Pinto (2012), destacou alguns pontos que as empresas teriam de se adequar nesse modelo de produção:

1. Flexibilidade, ou capacidade de ofertar diferentes tipos de produtos e serviços num curto período de tempo, mantendo-se ou não a larga escala;
2. Qualidade, ou redução de custos de retrabalho, eliminando-se falhas em processo;
3. Baixos preços finais, obtidos não apenas pela qualidade e flexibilidade, mas pelo enxugamento, ou seja, a redução de toda capacidade ociosa em termos de equipamentos e força de trabalho;
4. Atendimento preciso, isto é, no momento, na quantidade e nas características exatamente estipuladas pela clientela, sem gerar atrasos, tampouco estoques.

Ao observar os pontos acima, destaca-se que o toyotismo tem em sua essência a redução do desperdício, o aumento da mão de obra por meio da qualificação e tecnicidade e produção precisa para atender ao mercado. Essa produção precisa não estava somente na quantidade, mas na qualidade, no desejo do consumidor. Para isso, a incorporação dos trabalhadores na lógica do "pertencimento" da produção, os fazia não somente trabalhadores braçais, mas trabalhadores subjetivos, que usam o conhecimento e a subjetividade para melhorar a produção e seus serviços.

Gorz (2004), apontou que o toyotismo tem por fundamento o princípio da melhoria contínua, que preconiza que tanto os bens produzidos quanto os trabalhadores envolvidos no processo produtivo. É nessa visão que o toyotismo atua, fazendo transparecer a falsa ideia de que existe uma melhoria para classe trabalhadora, onde de fato acontece o contrário: a exploração do trabalho na lógica do pertencimento.

Como citado no início dessa sessão, as relações do sistema capitalista estavam em mudanças, o toyotismo ganha força internacional para suprir a crise, envolve a classe trabalhadora “como parte” do processo, algo que não é mais somente o corpo, mas, a mente e o corpo. Esse novo modelo de produção exigia dos trabalhadores o seu olhar subjetivo na produção, visando a melhoria e o aperfeiçoamento das mercadorias.

Porto (2021), reforça esse pensamento ao tecer:

Todas essas alterações no sistema de produção exigiam, necessariamente, que fosse repensada a forma de organização da mão-de-obra das empresas, pois seriam os empregados os responsáveis pela execução de todas as mudanças desejáveis para a retomada do crescimento e a superação da crise. Era preciso, portanto, que se reestruturasse a relação empregado/empregador, pois até então as regras vigentes nas empresas relativas aos trabalhadores se enquadravam nos modelos fordista e taylorista, os quais eram totalmente díspares do toyotismo.

Alves (2005), complementa essa afirmativa ao afirmar que:

Sob o toyotismo, a competição entre os operários e empregados é intrínseca à ideia de trabalho em equipe. Os supervisores e os líderes desempenham papéis centrais no trabalho em equipe (no caso do Japão, os líderes da equipe de trabalho — do *team* — são, ao mesmo tempo, avaliadores e representantes dos sindicatos). Permanece ainda, de certo modo, uma supervisão rígida, mas incorporada, ‘integrada’, vale salientar, à subjetividade contingente do trabalho. Em virtude do incentivo à competição entre os operários e empregados, cada um tende a tornar-se supervisor do outro. ‘Somos todos chefes’ é o lema do trabalho em equipe sob o toyotismo.

Essa ideia do *team* existe fortemente nos dias atuais, onde os trabalhadores se sentem “donos” ou “partes” da empresa. Um grande exemplo é o grupo Hinode, que trabalha fortemente o “subjetivo” dos seus colaboradores, que são divididos em grupos e subgrupos, e possuem constantes formações e avanços de níveis. Essa empresa cresceu fortemente na última década, tornando uma empresa mundialmente forte no sistema capitalista. Ao realizar pesquisa em seu site oficial, encontro a seguinte frase: “*Somos grupo em todos os sentidos da palavra. Pensamos juntos para pensar maior. Reunimos ideias, pessoas e sonhos em um só lugar.*” Essa frase mostra claramente a estratégia *team* e o toyotismo. Esses trabalhadores que geram lucros e mais lucros ao grupo, que são um grupo em todos os sentidos, não tiveram acesso a nenhum amparo durante a crise sanitária do covid-19, principalmente por legalmente não possuírem vínculo empregatício.

O toyotismo é caracterizado pelo desenvolvimento excessivo do trabalho e do trabalho vivo. Sob o capitalismo global, os salários reais não podem acompanhar a produtividade do trabalho como nunca antes. Pode até ser possível aumentar os salários reais, mas o aperto dos “salários relativos” costuma ser um componente do novo sistema de acumulação flexível, no qual o toyotismo é o momento principal.

Domingos (2015), faz duras críticas ao trabalho flexibilizado, fruto das relações capitalista e originária da teoria toyotista:

A intensificação do trabalho ocasionado pelas metamorfoses nas relações de trabalho; que atingiu inicialmente os trabalhadores industriais, depois os trabalhadores assalariados e que hoje, atinge todos que dependem do trabalho para sobreviver, estão ligadas a precarização, flexibilização, terceirização, avanços tecnológicos e a desregulamentação das legislações trabalhistas e sociais, que levaram a fragilização de empregos estáveis e a persistência na produção de empregos instáveis, exigindo que o trabalhador passe muito mais tempo no trabalho, repercutindo no constante aparecimento de doenças decorrentes de suas atividades laborais, já que muitos perdem a capacidade de exercer suas funções no ambiente de trabalho, por adquirirem doenças, devido a intensidade, o ritmo, as horas extras, banco de horas, regimes de turnos, que são contrárias aos ritmos biológicos dos indivíduos. Assim, consideramos que a saúde do trabalhador é cada vez mais precarizada e fragilizada devido as determinações do capital.

O toyotismo salvou o sistema capitalista da crise e explorou mais ainda o trabalhador, fazendo este se “sentir” parte do processo, dono da produção, para que pudesse explorar o seu potencial ainda mais. Precarizou o trabalho e aperfeiçoou a produção e salvou a economia.

### 3.3 As implicações do trabalho flexibilizado na Educação Profissional e Tecnológica

O processo formativo, a educação e a escola, são frutos das relações de trabalho, ancoradas nas relações sociais, sendo este local institucionalizado para aprendizagem. Inicialmente, escola era somente um luxo, atendendo as classes dominantes e a burguesia. Com o avanço do sistema capitalista, e a necessidade de capacitar a classe trabalhadora para atender a sofisticação desse sistema, ampliou-se o acesso a vagas, ainda que o proletariado tenha o controle do sistema educacional. Moura (2015), aponta que por esse caminho a escola deixou de ser luxo e passou a ser essencial.

Em decorrência, a divisão social e técnica do trabalho constitui-se estratégia fundamental do modo de produção capitalista, fazendo com que seu metabolismo requeira um sistema educacional classista e que, assim, separe trabalho intelectual e trabalho manual, trabalho simples e trabalho complexo, cultura geral e cultura técnica, ou seja, uma escola que forma seres humanos unilaterais, mutilados, tanto das classes dirigentes como das subalternizadas. É claro que isso não ocorre de forma mecânica, mas em uma relação dialética em razão das forças que estão em disputa e que, em alguma medida, freiam parte da ganância do capital (Moura, 2015, p. 1059).

Ao pensar no modelo de escola para atender a classe trabalhadora, bem como os interesses da burguesia e do capital, surge a Educação Profissional e Tecnológica - EPT, baseados na formação humana integral, específica e qualificada. Dornelles (2021), conceituou que a EPT foi pensada exclusivamente para atender a classe trabalhadora que posteriormente iriam para o mercado de trabalho, diferente do ensino ofertado aos que tinham maior poder aquisitivo, que eram direcionados para as universidades.

[...] A educação profissional no Brasil tem, portanto, a sua origem dentro de uma perspectiva assistencialista com o objetivo de “amparar os órfãos e os demais desvalidos da sorte”, ou seja, de atender àqueles que não tinham condições sociais satisfatórias, para que não continuassem a praticar ações que estavam na contra ordem dos bons costumes. [...] [...]Essa lógica assistencialista com que surge a educação profissional é perfeitamente coerente com uma sociedade escravocrata originada de forma dependente da coroa portuguesa, que passou pelo domínio holandês e recebeu a influência de povos franceses, italianos, poloneses, africanos e indígenas, resultando em uma ampla diversidade cultural e de condições de vida ao longo da história - uma marca concreta nas condições sociais dos descendentes de cada um destes segmentos. [...] (Moura, 2007, p. 6).

Não é objeto de estudo desse artigo fazer um resgate histórico da EPT no Brasil, mas sucintamente é necessário deixar claro que a educação profissional sempre se adequou conforme a sua época, a sua realidade e sua necessidade. Podemos destacar o surgimento das Escolas Agrícolas no período em que a população e a economia estavam voltadas para o campo, bem como de cursos industriais e tecnológicos, com a industrialização do Brasil.

Porém, para Frigotto et al. (2005), e Moura (2006), o projeto societário e educativo do capital não se apresenta como horizonte para uma formação capaz de promover qualificações amplas e duradouras entre os trabalhadores. Pelo contrário: o ideário consiste em continuar perpetuando a divisão social e técnica do trabalho, essencial para a própria sobrevivência do capital, capaz de garantir mão de obra sempre disponível para os desígnios do capitalismo.

A modernização da administração e da produção no Brasil está relacionada à educação, e os trabalhadores devem ter uma base de conhecimento mais forte para se adaptar às novas necessidades de produção da base toyotista. Isto significa que a formação dos trabalhadores necessita de se adaptar aos novos conceitos difundidos durante a reorganização produtiva: flexibilidade, versatilidade, competitividade, competências, etc.

Nesse sentido, como citado em parágrafos anteriores, o ensino profissional passou por diversas mudanças para atender ao sistema capitalista. Na década de 90, as relações sociais, o capital humano sofria grandes mudanças pautadas pelo avanço tecnológico e pelas relações de trabalho, fazendo com que houvesse uma visão econômica mais forte da educação, pautando a

formação da classe trabalhadora para nova realidade do sistema produtivo, que era baseado na organização toyotista. Borges (2019, p.9) reforçou:

A promulgação em 1994, da Lei 8948 que transformou as Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação (CEFFETs) veio nesse contexto. O objetivo era instituir um sistema nacional de educação tecnológica que fosse referência na formação técnico profissional do país, dentro das exigências dos moldes do toyotismo. Dando continuidade à agenda de reformas educacionais, em 1996 foi aprovada a nova LDB, Lei 9394, de acordo com Ramos (2014) a nova LDB trouxe algumas conquistas como a concepção ampliada de educação para além dos muros da escola e a ampliação da educação básica com a inclusão do ensino médio. De fato, o artigo 1º da LDB/1996 traz uma concepção de educação que vai além da escolar. A educação é definida como todos os processos formativos desenvolvidos na vida familiar, convivência humana, trabalho, instituições de ensino e pesquisa, movimentos sociais e organizações da sociedade civil e manifestações culturais. O inciso segundo desse artigo associa a educação escolar ao mundo do trabalho e a prática social. É interessante ressaltar aqui que LDB utiliza o termo “mundo” e não “mercado”.

A LDB trouxe avanços educacionais ao incluir o Ensino Médio dentro da educação básica, bem como a mudança da concepção de educação, trazendo referências socio cultural, humano, econômico e político. Outro ponto interessante foi a abrangência ou ressignificação do conceito mercado para “mundo do trabalho”. Esse conceito amplia a dimensão do mercado, que vai além da organização trabalhista ou do vínculo empregatício.

Para a modernização do Estado e das instituições públicas as reformas realizadas visavam se apropriar de estratégias dos setores privados, para as necessidades do modo de produção capitalista, que fundamentado no Toyotismo, utilizava cada vez mais uma nova base tecnológica para a produção (Frigotto, 1995).

Almeida (2020), destacou:

O toyotismo, como nova forma de produzir riqueza material, exigiu uma nova forma de produzir conhecimentos. Nesse contexto, a educação foi chamada a produzir novos conhecimentos para atender às exigências ontológicas do toyotismo. Novos conhecimentos foram produzidos no campo da educação profissional e tecnológica como uma decorrência do toyotismo. No entanto, a educação mantém também uma relação de autonomia relativa com o trabalho. Nesse sentido, podemos dizer que foram produzidos também conhecimentos para além dos limites do toyotismo com vista à emancipação humana. Conhecimentos no campo da educação profissional e tecnológica apontavam para uma formação integral do homem (Almeida, 2020, p. 4).

Como podemos observar, as mudanças estruturais na educação são direcionadas pelo trabalho, sendo atualmente o sistema capitalista em vigência. Saviani (2007), destaca que o Trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa. Nesse sentido, é necessário produzir conhecimento e habilidades para manutenção desse sistema. É nesse sentido que a Educação Profissional ganha força na relação com o toyotismo, pois é necessário a formação da classe trabalhadora voltada na produção técnica, qualificada e flexível, pois o trabalho determina a educação, e essa se constitui como materialidade e práxis.

#### **4. Considerações Finais**

O toyotismo tentou salvar o capitalismo de outra crise mundial, promovendo mudanças nas formas de produção, na qual o trabalhador se tornou falsamente líder e protagonista na empresa. Na verdade, não passou de mais uma manobra do próprio sistema em usar além da força, a subjetividade do trabalhador, fazendo com que contribuisse para uma produção qualificada, especializada e flexível.

O trabalho permitiu compreender a relação do toyotismo diante do capital globalizado, bem como as relações de trabalho existentes. Ficou evidente que as transformações e evoluções sociais estimulam as mudanças e evoluções trabalhistas.

Compreende-se que a objetividade e subjetividade da classe trabalhadora são “vendidas” ao sistema capitalista, e que essa relação vem sendo amparadas pelo processo educacional, principalmente na educação profissional e tecnológica.



É relação de trabalho e o sistema capitalista que determina a educação, pois ela é fundamental para a produção da materialidade. Essa materialidade sustenta o capitalismo, fazendo assim que a educação seja essencial para a classe trabalhadora. Porém, essa essencialidade existe limite, ficando somente na qualificação técnica e fugindo do processo emancipatório.

## Referências

- Almeida, E. R., Silva, S. A. da., Moreira, E. E. P., Souza, A. M. da C. & Rocha, P. C. S. (2020). Produção do conhecimento no campo da educação profissional e tecnológica no contexto do toyotismo. *Research, Society and Development*. 9 (9), e180993332. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.3332. <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3332>.
- Alves, G. (2000). *O novo (e precário) mundo do trabalho*. Ed. Boi tempo.
- Alves, G. (2005). Trabalho, corpo e subjetividade: toyotismo e formas de precariedade no capitalismo global. *Trabalho, Educação e Saúde*. 3 (2), 409-428.
- Alves, G. A. P. (2008). *A subjetividade às avessas: toyotismo e “captura” da subjetividade do trabalho pelo capital*. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho. 11 (2), 223-23.
- Borge, K. P., Lima, R. F. C. (2019). Trabalho e Educação na perspectiva das políticas para educação profissional e tecnológica no Brasil. In: 5º Simpósio da Faculdade de Ciências Sociais: Democracia e Direitos Humanos – Crises e Conquistas.
- Costa, W. C. (2005). O processo de globalização e as relações de trabalho na economia capitalista contemporânea. *Estudos de Sociologia*. 10 (18), 117-134.
- Domingos, M. J. L.; Santos, C. S. (2015). A relação entre a precarização das relações de trabalho e a saúde do trabalhador. Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social.
- Dornelles, F. R. B., Castaman, A. S. & Vieira, J. A. (2021). Educação profissional e tecnológica: desafios e perspectivas na formação docente. *Revista Exitus*. 11, 01 – 22.
- Dupas, G. (2005). Nova ordem global e a política: o espaço da periferia. In: Seminário Internacional REG GEN: Alternativas Globalização – UNESCO.
- Frigotto, G., Ciavatta, M. & Ramos, M. (2005). A política de educação profissional no Governo Lula: um percurso histórico controverso. *Educação & Sociedade*. 26 (92), 1.087-1.113.
- Gorz, A. (2004). *Misérias do presente, riqueza do possível*. Traduzido por Ana Montoia. Annablume.
- Jucá, E. G., Almeida, E. R., & Silva, R. J. N. da. (2021). As relações entre o trabalho e a linguagem. *Research, Society and Development*, 10(12), e388101219512. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i12.19512>
- Moura, D. H. (2007). Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. *Holos*, 23 (2), p. 4-30.
- Moura, D. H., Filho, D. L. L., Silva, M.R. (2015) Politécnica e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. *Revista Brasileira de Educação*. 20 (63), p.1057-1079.
- Nóvoa, G. S. (2019). Trabalho e subjetividade. *Revista Anthropos*. 250, p. 179-191.
- Obsbawm, E. (1995). *As décadas de crise*. In: \_\_\_\_\_. Era dos extremos: o breve séculoXX (1914-1991). Companhia das Letras.
- Pereira, K. C. P., Araújo, R. B., Valencia, A. S. (2021). A reestruturação do trabalho, educação flexível e políticas de formação de professores. *Revista Cocar*. 15 (32), p.1-20.
- Pinto, G. A. (2012). O toyotismo e a mercantilização do trabalho na indústria automotiva do Brasil. *CADERNO CRH*. 25 (66), 535-552.
- Porto, A. C. V. (2021). O toyotismo e a precarização dos direitos trabalhistas. *Brazilian Journal of Development*. 7 (4), 43435-43453.
- Saviani, D. (2007). Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*. 12 (34), p. 152-180.